

TERESA

(Episódio da época da Independência)

de Rosario Orrego¹
Traduzido por
Fábio Marques de Souza²
Heloisa Costa Rigon³

Rosario Orrego¹

 Fábio Marques de Souza²

 Heloisa Costa Rigon³

1. Rosario Orrego (1834-1879) é conhecida como a primeira contista, jornalista e mulher das letras chilena. Para saber mais: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-3698.html>

2. Professor na Faculdade de Linguística, Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutorado em Educação (USP). fabiohispanista@servidor.uepb.edu.br

3. Doutoranda em Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina (Bolsista FAPESC) em estágio de Doutorado Sanduíche na Universidad Nacional Mayor de San Marcos, do Peru, pelo PDSE-CAPIES. E-mail: heloisarigon@gmail.com

Recebido em: 13/04/2025

Aprovado em: 25/05/2025



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

I

No ano de 1813, época em que os chilenos batalhavam nos campos do Sul contra o exército espanhol do general Pareja, uma fragata avistou Valparaíso ostentando em seu pau maior a bandeira de Castilla: era a Warren, navio corsário, patenteado pelo vice-rei do Peru.

Uma só ideia fez palpitar, ao mesmo tempo, os corações; capturar o insolente corsário foi o pensamento de todos os patriotas.

Era preciso, para isso, equipar prontamente navios, sem ter um só casco, nem armamento, nem marinheiros, e precisando ainda de capitães. Necessitava-se, logo, muita audácia, e afortunadamente, os homens que então dirigiam os negócios a eles não lhes faltavam fibra e nem iniciativa.

Tudo estava pronto para o dia 1.º de maio: a fragata Perla e o bergantim¹ Protillo deviam sair no dia seguinte para caçar a Warren.

Era meia noite daquele dia. A população de Valparaíso parecia profundamente dormida sob dos raios de uma lua cheia. Ela repousava depois de largos dias de agitação e trabalhos passados na preparação

¹ Escuna com velas quadrangulares em dois mastros.

dos navios. Só se deixava ouvir o barulho triste e uniforme das ondas ao extinguir-se lentamente sobre a areia.

De súbito, a porta de uma casa, situada não muito longe da praia, abre-se e uma voz de homem, firme e sonora, diz:

-Boa noite, Luis; senhorita Teresa, até amanhã.

-Até amanhã, Jenaro - responderam duas vozes simpáticas do interior da casa, e a porta se fechou.

-Meu Deus! O que vai acontecer amanhã? Acho que a inquietude não me deixará dormir esta noite.

Isto dizia Teresa, bela jovem de 19 anos, ao entrar em seu aposento, depois de ter se despedido de Jenaro.

- Durma, menina, durma – disse-lhe seu irmão Luís – e não tema; amanhã teremos um lindo dia; vamos mostrar a esses soberbos espanhóis do quanto é capaz um povo quando defende sua liberdade... E eu que até agora não pude contribuir com a independência senão com subsídios em dinheiro!... Mas logo será outra história. Dentro de poucos dias será esposa de Jenaro, e então, já completamente livre, marcharei a colocar-me às ordens do general Carrera.

- Separar-nos? E tão rápido? E talvez para sempre! - murmurou Teresa, compassiva.

- Que faria você em meu lugar? - respondeu Luis.

A jovem olhou seu irmão e exclamou:

- Eu iria morrer como nosso pai, em defesa da pátria.

- Vê?! Morrer pela independência, depois de haver assegurado tua felicidade, será uma bonita morte.

Mas, notando que os grandes olhos de Teresa se enchiam de lágrimas, disse:

- Vamos! Deixe de choro; falemos de outra coisa... Será feliz com Jenaro, não é verdade?

- Muito! - exclamou a jovem, com tom apaixonado; - Quanto me ama!...e eu... Meu Deus!

- Chega -exclamou Luis, rindo.

- Bobo! -continuou Teresa; - queira Deus colocar em teu caminho uma jovem que te ame como amo a Jenaro! Mas eu falo quando devia estar implorando ao céu o bom êxito da sua missão. Uma abordagem deve ser uma coisa terrível, não é assim, Luís?

-Terrível, se ama-se, quando se contempla a sangue frio, mas quando o sinal é dado, e se precipitam como possuídos de uma vertigem como se fossem inimigos; quando se estreitam corpo a corpo, tendo a cada instante sobre a cabeça uma arma mortífera e o abismo sob os pés, então não se teme morrer; então vencer é o pensamento dominante, e naqueles casos o que mais fere é um valente e, às vezes, um herói.

II

Enquanto os dois irmãos falavam assim na véspera em que se tentava uma abordagem sobre a Warren, Jenaro, jovem espanhol, mas pelo jeito fanático pela pátria, dirigia-se a sua casa: chegando aí, pegou um par de pistolas, colocou em seus bolsos alguns punhados de dinheiro e saiu encaminhando com passo mais que regular em direção a Playa-Ancha. Ao chegar a uma das primeiras baías do lado Sul, deteve-se, sacou um apito e o levou duas vezes aos seus lábios. Em pouco tempo, ouviu um barulho de remos na água; logo um bote atracou na margem, um homem saltou na terra e foi apertar a mão de Jenaro, que saiu ao seu encontro:

- Esta será nossa última entrevista, meu amigo, - disse Jenaro; - enfrentamos tudo para vir avisá-lo, capitão, que amanhã sai, por fim, a esquadilha rebelde para abordar a Warren, e o fariam por Santo Antônio se você não houvesse encontrado amigos por aqui.

- Isso é o que veríamos, don Jenaro; a causa do rei é a de Deus - exclamou o capitão.

- Está tudo acertado?

- Tudo - respondeu Jenaro.

- Entregou o dinheiro ao italiano?

- Não; quando finalizar sua obra deve receber de sua mão.

- Que droga! Não me resta um trocado.

- A isso venho - interrompeu Jenaro; e ao lhe entregar o dinheiro, disse:

- Agora, capitão, adeus, temo uma cilada.

E sem aguardar mais desapareceu.

No dia seguinte, 2 de maio, colocou a Warren a vista do porto.

A esquadilha patriota saiu às nove da manhã.

O dia era belíssimo, uma brisa suave ondulava as águas; o horizonte parecia claro e sem nuvens. Muita parte da população coroava as colinas e iam em direção a praia. Em todos os semblantes refletia a alegria e a esperança.

Enquanto isso, o *Potrillo* e a *Perla*, que compunham a expedição, saíram do porto. O navio corsário se fez mar a fora, parecendo evitar um encontro. Os navios patriotas largaram toda vela para a conseguir alcançá-lo.

De improviso, e quando estas se encontraram fora do alcance das baterias do porto, viu-se ao corsário deter-sena atitude de aceitar o combate. Nesse momento, a *Perla*, que havia tomado a frente do *Potrillo*, chegou perto até ficar ao lado da Warren, que a deixou se aproximar sem disparar um tiro.

No ato a Warren e a Perla atiram seus fogos e atacam ao Potrillo, que cai desprevenido e presa de uma infame traição.

Um marinheiro italiano, subornado por Jenaro e outros espanhóis residentes em Valparaíso, havia consumado uma revolução na Perla e entregando-a ao inimigo.

III

Poucos dias depois deste infeliz acontecimento, Jenaro entrava na casa de sua amada. Teresa não saiu, como de costume, a seu encontro; tudo parecia diferente naquela casa.

Por fim, Teresa apareceu, pálida e comovida.

- O que acontece? - exclamou Jenaro, estendendo sua mão a jovem.

Mas ela, sem corresponder ao seu gesto, indicou-lhe uma cadeira, respondendo-o com um tom doce, mas firme:

- Uma desgraça, senhor, preparada por você... com calma e refinado artifício; nos vemos hoje pela última vez. Esta é a vontade do meu irmão e minha também.

Jenaro tentou pedir desculpas, mas Teresa o interrompeu dizendo:

- É inútil... Eu sei de tudo: poupe-me o desgosto de ver unidas a traição e a mentira.

- Nunca me amou, Teresa, - exclamou Jenaro, ficando pálido extraordinariamente; - ao coração não se impõe, nem jamais a paixão política influencia de tal modo na mulher que destrua em um dia um amor tão intenso como o que me fingiu até hoje.

- Ontem amava o cavalheiro leal e sem defeito. Hoje, a traição o desfigura horrivelmente aos meus olhos. A memória do meu pai, morto pela pátria, coloca um abismo entre nós dois.

O jovem tentou jogar-se aos seus pés; mas ela o impediu com um gesto majestoso.

- Bem! -Exclamou Jenaro, erguendo sua cabeça; - o braço do teu irmão nos separa; diga a ela que logo nos veremos.

E saiu angustiado.

Assim que este desapareceu, Luis, que havia ouvido tudo, entrou na estância.

- Minha irmã, força! - disse ao ver Teresa quase desfalecida.

- Tudo acabou para mim - articulou a jovem. - Hoje, que o perdi para sempre, percebi que o amo mais.

E dizendo isso, caiu desesperadamente nos braços do seu irmão.

IV

Meados de janeiro de 1815, três meses depois da derrota de Rancagua, a prisão de Santiago encarcerava grande número de presos políticos, todos patriotas mártires da liberdade. Empilhados em um estreito e húmido calabouço, eram tratados, por ordem do general Osorio, como indignos criminais. O que ia ser deles?

A julgar pelos rumores que se deixavam ouvir: ou seriam rapidamente sentenciados a morte, ou enviados ao Peru e sepultados em casamatas². Estas e outras vozes sinistras contribuíram não pouco a dar corpo e vida a uma conspiração concebida no silêncio de um calabouço e alimentada pelo desespero das vítimas.

A guarda dos prisioneiros estava confiada ao Batalhão Talaveras.

Um sargento deste corpo, homem simpático e sagaz, soube captar a confiança dos presos até chegar a penetrar seus projetos.

Rapidamente, Villalobos, este era seu nome, fez-se o mentor da conspiração. Ele prometeu apoiá-la com seu batalhão e o corpo de Granaderos. Ansiosos não de aventurar-se no negócio, mas desconfiados, por outra parte, do caudilho, que era espanhol e talavera³, os presos quiseram ter de Villalobos uma garantia de sua sinceridade. Efetivamente, exigiram a ele que lhes prestasse promessa de fidelidade na presença de Deus. Villalobos concordou com isso, e os presos acordaram mandar rezar uma missa na capela da prisão. Ali um solene juramento devia tranquilizá-los e uní-los.

De fato, quando o sacerdote levantava a hóstia, todos os conjurados, em um sinal combinado, levantaram silenciosamente suas mãos e juraram, pelo Evangelho, guardar fidelidade e trabalhar pelo êxito de seu negócio.

V

Poucos dias depois, uma mulher vestida de preto e coberta com um espesso véu foi conduzida pelo carcereiro no calabouço dos presos.

Ela ficou um momento indecisa no batente da porta, mas logo, com uma voz trêmula, sem dúvida pela emoção, perguntou por Luis O... Ao ouvir este nome, um jovem, de porte distinto e simpática fisionomia, apressou-se até aquela mulher e a apertou contra seu coração, exclamando:

- Teresa! Você aqui?

² Abrigo subterrâneo que, numa construção fortificada, se destina ao alojamento de tropas ou ao armazenamento de munições.

³ Talavera de la Reina, cidade espanhola localizada em Castilha-La Mancha.

Teresa levantou seu véu. Seu rosto estava pálido, mas ainda bonito, realçado pela dor que a oprimia. Inundada em pranto, apertava seu irmão sem poder dizer uma palavra sequer.

Você em Santiago? - voltou a dizer Luis. - E em quais circunstâncias? Quando todas as famílias, abandonando seus lares, foram se esconder em algum canto distante, a fim de sumir nos tumultos de San Bruno.

Teresa olhou em seu entorno com receio... os presos se retiraram, por consideração, a um canto extremo do calabouço, e então disse:

- Eu vim com minha tia. Não tema por mim, Luis; só se trata de você neste momento; é você quem corre perigo.

- Não chegou até você uma carta minha em que lhe assegurava que nada de mal podia acontecer comigo?

- Sim, mas recentemente recebi outra, que me dizia o contrário.

- De quem?

- De Jenaro.

- Oi?! Jenaro anda nisto? E é possível confiar em um traidor?

- Luis! -exclamou Teresa, tristemente; - Jenaro tem influência próximo de Osorio; ele é hoje major general; pode e quer te proteger. Amanhã me acompanhará ao palácio, e confio em Deus que você irá me perdoar...

- Eu te proíbo - exclamou Luis, interrompendo sua irmã; - meu perdão, graças a Deus, não é necessário, desejo seguir a sorte dos meus companheiros.

Não é por mendigar uma vida que estimo pouco, que irei permitir que você se exponha. Não, mil vezes não; uma jovem como você não pode, não deve dar tal passo.

- É possível, Luis, que pense assim, quando a morte está sobre sua cabeça?

- E o que é a morte para um soldado? Não faz três meses que saí de Rancagua decidido a morrer pelas baionetas⁴ inimigas ao lado do general O'Higgins?

Luis foi interrompido pelo carcereiro, quem alertou a Teresa que devia se retirar.

A jovem lançou para seu irmão um olhar de angústia.

- Força! - Ele disse a ela, procurando dar em seu semblante uma expressão tranquila. - No que me disse vejo claramente que Jenaro tenta, por meio da gratidão, penhorar seu coração... Já me entende. Esteja atenta, minha Teresa! Não acredite no que esse homem te disse. Agora, dê-me um abraço.

⁴ Espécie de pequena espada que se adapta à ponta do fuzil.

Os dois irmãos se abraçaram comovidos; ambos ocultavam o temor que os abrigavam de não voltar a se encontrarem mais...

VI

Era 05 de fevereiro: a revolução que os presos tentavam devia acontecer na madrugada do dia 06.

Villalobos iniciou os preparativos nessa noite, prendendo em distintos calabouços alguns réus de delitos comuns. Em seguida, levou licor em abundância aos conjurados para dar coragem; passou a primeira parte da noite em conferência com eles, e somente se separou deles para ir dar as últimas disposições a fim de assegurar o golpe, como dizia.

Os conjurados, no entanto, o esperaram em pé e com o coração palpitando de ansiedade até às duas da manhã. A esta hora, abriu-se repentinamente a porta do calabouço e apareceu no batente a companhia dos sapadores⁵ do Batalhão Talavera. San Bruno, que a comandava, ordenou aos conjurados que se ajoelhassem na terra. Ninguém obedeceu. Os jovens Concha e Morgado, que tentaram sacar seus punhais, caíram vítimas de San Bruno. Isto passou com a rapidez de um raio. O calabouço foi invadido por todo o batalhão, enquanto os presos ainda estavam estupefatos.

A carniceira então fez-se geral. Os infelizes, furiosamente acometidos pelos soldados, não colocavam mais resistência além de suas mãos para defenderem suas cabeças. Um jovem, com aparência adolescente, dormia em um canto, e foi covardemente assassinado no meio do seu sonho. Entretanto, Luis, com as costas apoiada contra a parede e um punhal na mão, dispôs-se a pagar um preço caro pela sua vida. Um soldado ia descarregar seu sabre⁶ sobre sua cabeça, mas Luis, com um rápido movimento para frente escapou do golpe e feriu o peito do seu assassino; um pavilhão de sabres se levantou neste instante sobre sua cabeça, e teria caído crivado cheio de golpes se San Bruno, sentindo-se o chefe da conspiração, e sedento por sangue e ódio, não tivesse intervindo, gritando:

- Ninguém o toque; esta cabeça é minha.

Luis, desarmado e rodeado de feras humanas, cruzou os braços disposto a morrer. San Bruno ia dividir a cabeça de sua vítima, quando uma mão vigorosa deteve seu braço. San Bruno voltou-se furioso: era Jenaro. Como este havia recebido há pouco a ordem de colocar a tropa sobre as armas, tomou rapidamente suas disposições e correu até a prisão. Chegou em tempo de salvar seu antigo amigo e alguns outros infelizes, não sem colocar em risco sua vida, apesar da sua autoridade militar.

⁵ Que, ou aquele que tem a seu cargo execução de trabalhos de abrir caminhos subterrâneos.

⁶ Arma branca, reta ou encurvada, com um só gume: sabre de abordagem, de cavalaria, de infantaria.

VII

No dia seguinte, viam-se, na praça de Santiago, os cadáveres das vítimas dessa fatídica noite, e entre eles os de Concha e Morgado. Sobre suas cabeças lia-se essa inscrição em grotesco pergaminho: *Por conspiradores contra a lei e perturbadores da tranquilidade pública.*

A casa que habitava Teresa estava situada em um bairro silencioso e afastado da população.

Eram onze da manhã; a jovem preparava a roupa branca que devia enviar ao seu irmão na prisão. A essa hora chegou Jenaro em sua casa.

- Senhorita - disse; - faz muito tempo que não me sentia tão feliz como hoje. Ontem à noite salvei seu irmão, e isto me enche de alegria ao considerar a triste notícia que poderia ter recebido neste momento.

O que aconteceu? - exclamou Teresa, ficando extremamente pálida.

- Nada, não se assuste. Luis está tão bem como eu. Isto, sem dúvida, deve-se às orações que você faz por ele à Virgem Maria.

Jenaro se sentou ao lado de Teresa.

- Direi a você em duas palavras o que aconteceu - continuou. - Luis e seus companheiros tentaram uma revolução. Confiaram em um sargento de Talaveras. Foram enganados, e... que horror! assassinados no mesmo calabouço onde estavam.

- Meu Deus! - murmurou Teresa. - Assassinados! O que será de Luis, se é que foi salvo?

- Por isso estou aqui, Teresa; tome este ofício; é uma petição de perdão que você apresentará agora mesmo a Osorio; este é o momento preciso. O general se encontra desconsolado de ter autorizado um crime que vai manchar as armas espanholas.

Neste momento, entrou a tia de Teresa: a senhora vinha da missa. Ao passar pela praça havia visto o horrível espetáculo.

- Valha-me Deus! - exclamou, deixando-se cair sem alento sobre uma cadeira; - minha filha, se soubesse o que acontece, o que neste momento acabo de ver; mataram sem misericórdia. Meu filho!

- Tia, Luis não está morto; fique tranquila.

- Não vi se cadáver na praça... Para onde o levaram, Santo Deus?

- Senhora, nada aconteceu com Luis, e eu lhe asseguro que logo ele sairá da prisão.

- E posso acreditar em você? Em um *godo*⁷, em um desses covardes que mandam degolar homens indefesos?

⁷ Maneira depreciativa de referir-se a um espanhol

Jenaro era bastante lúcido para compreender a justa dor que fazia despertar aquele coração de sessenta anos, e pensou prudente se retirar.

VIII

Teresa pode acalmar sua tia com dificuldade e fazer com que a acompanhasse ao palácio.

A jovem apresentou a Osorio a solicitação de perdão. Este, depois de ler, fixou em Teresa um olhar investigativo e, em seguida, colocou no rodapé estas palavras:

“Ao término de vinte e quatro horas sairá Luis O. da capital. - Osorio.”

Às nove da manhã do dia seguinte, os dois irmãos e sua tia abandonavam a capital, afastando-se lentamente pelo caminho que conduz a Melipilla.

Jenaro os acompanhava.

O militar espanhol cavalgava ao lado de Teresa. A jovem se manifestava alegre e reconhecida.

Jenaro, aproveitando um momento em que Luis e a tia ficaram para trás, disse-lhe:

- Por que percebi, senhorita, na guerra, quando tantas vezes busquei a morte para encontrar o esquecimento! Mas não; era preciso que passasse ainda este martírio: encontrar com você, ver-lhe mais interessante, mais cheia de atrativos, para voltar a te perder e talvez para sempre; porque se julgo pela dor que me oprime, não creio que voltaremos a nos ver.

- Nos veremos lá onde a pátria é livre e comum para todos.

- Esse é um consolo ditado pela fria amizade. Teresa, diga-me você, francamente, eu cheguei a ser indiferente para você?

Teresa ficou vermelha.

- O momento em que você me pergunta isso é muito solene para que eu disfarce meus sentimentos; Jenaro, você...

Teresa não pôde continuar; a voz expirou em sua garganta: estava comovida.

- Seu coração será sempre meu, Teresa, não tenho dúvida; você me ama, não é verdade?

- Sim.

- E então, o que se opõe a nossa sorte?

Teresa olhou o jovem e lhe disse:

- Diga-me, Jenaro, você acredita que eu poderia me casar com um homem que cravasse um punhal no coração de minha mãe?

- Claro que não, mas eu...

- Você, Jenaro, contribui em derramar o sangue dos meus irmãos, ele cai sobre este solo, e este solo é minha pátria. E daria minha vida, se de algo servisse, para que ela fosse livre e feliz; já que isto não pode ser, sacrifico algo mais que minha vida: sacrifico meu amor.

- Teresa, em nome dos céus! Não faça você um sacrifício estéril, mande você, imponha-me sua vontade: que devo fazer para alcançar a felicidade? Sacrificarei todo por você.

Teresa, subjugada pela paixão do jovem e pelo seu próprio sentimento, compreendeu que naquele momento ia decidir seu destino; seu coração se partia de amor e de pesar; um momento mais e teria dito a Jenaro: “Serei tua, porque te amo mais que a minha pátria”, mas fazendo um esforço sobre si mesma, disse:

- Jenaro, se desvia-se do seu dever, abandonando talvez por mim a causa que você defende, precipita-se a um abismo. E se eu, por minha parte, sigo seu destino, atrairia para mim o desprezo do meu irmão e o de todos os corações nobres que lutam pela pátria. Cruel alternativa: pátria e amor! Tenho aqui o que o destino me ordena eleger...

E Teresa cobriu seu rosto com um pano, deixando as rédeas a mercê de seu cavalo; o dócil animal parou.

Jenaro conteve o seu e lhe disse:

-Meu amor, adorada Teresa, por que reprimir os desejos do seu coração? O que nos importa o mundo todo se nos amamos assim? Minha Teresa, uma palavra e somos os seres mais felizes da terra.

Teresa, por toda resposta, estendeu sua mão a Jenaro. O sangue do jovem fluiu em seu rosto ao apertá-la e a levou cheia de prazer aos seus lábios.

Teresa retirou sua mão e disse com voz em soluços:

- Quando minha pátria for livre, venha você, Jenaro, buscar-me, se é que seu coração não terá mudado e se isto não for possível, a Deus! Cumpre-se meu destino...

E rápida como o pensamento, agitou a rédea do seu cavalo e partiu veloz.

O primeiro impulso do jovem foi segui-la, mas, nesse instante, chegou até ele Luis, com a anciã senhora.

-O que aconteceu? - exclamou Luis.

- O que há de ser! Que minha espada, condenada, sem dúvida de Deus, volte-se contra meu coração. Luis, meu amigo, isto não tem remédio. Adeus, vou ao menos morrer com honra.

E dando uma última olhada até a nuvem de pó que levantava ao longe o cavalo de Teresa, voltou as rédeas até Santiago.

1870.